

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**JEAN CARLO PAIM TIGIK**

**Diferenças metodológicas no ensino de futsal: um relato de experiência**

**Porto Alegre**

**2024**

JEAN CARLO PAIM TIGIK

**Diferenças metodológicas no ensino de futsal: um relato de experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Guy Ginciene

**Porto Alegre**

**2024**

JEAN CARLO PAIM TIGIK

**Diferenças metodológicas no ensino de futsal: um relato de experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Guy Ginciene  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Orientador

---

Prof. Dr. Marcelo Francisco da Silva Cardoso  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Avaliador

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente aos meus pais Dino e Odete que fizeram incontáveis sacrifícios para que eu tivesse uma educação de qualidade ao longo de minha vida, sem eles nada disso seria possível. Minha eterna gratidão por me formarem como uma pessoa íntegra todos os dias da minha vida, este trabalho é apenas uma pequena parcela daquilo que posso fazer como agradecimento por todo investimento feito em mim.

Agradecer ao amor da minha vida, Raíssa que esteve presente de 2010 a 2012 como a colega de colégio que eu atrapalhava em aula. Aquela que em 2017 apareceu passeando no campus da minha universidade e daquele momento em diante seria a mudança em nossas vidas. Minha maior surpresa e alegria nas idas e vindas de nossas vidas. A mulher que foi a virada de chave no meu jeito de agir e pensar para a vida, minha maior motivadora e abrigo nas horas felizes e difíceis. Este trabalho tem muito da motivação, debate e apoio dela, todo meu amor e agradecimento por este pequeno passo da nossa jornada.

Aos amigos de longa data, Rainor, Wágner, Guilherme, Rodrigo e Thales que acompanharam toda essa jornada desde a escolha do curso de Educação Física até o presente dia. Obrigado por todos os momentos de lazer, trabalho, debate e apoio, são grande parte da minha construção como pessoa.

Aos amigos Liko, Diulian, Luis Felipe e Lucas Piva (em memória) que se tornaram os maiores amigos ao longo dessa jornada acadêmica e que também ficara por resto da vida. Obrigado por me proporcionar os melhores momentos dentro e fora da universidade, seguimos juntos sempre.

Ao meu orientador Guy Ginciene, pela paciência e orientação durante o processo de construção deste trabalho. Meus profundos agradecimentos por seguir me guiando apesar do momento conturbado em que estive durante o período de escrita.

Ao Bernardo e Richter que foram meus principais companheiros na jornada de trabalho desde 2015. Houveram muitas trocas de conhecimento, ensino e apoio ao longo dos dias que trabalhamos juntos. Cada dia de trabalho não teria sido tão

leve e produtivo se não fosse pela amizade, presença e conhecimento de vocês. Em 2024 seguimos com esta parceria de anos.

A todos aqueles que passaram pela minha vida, estejam estas pessoas próximas ou não, acreditem que deixaram sua marca na minha formação até este dado momento. Meu muito obrigado pelas experiências proporcionadas sejam elas positivas ou não, pois, o aprendizado vem tanto nas experiências ruins quanto nas boas.

“Um homem que enxerga o mundo aos 50 anos da mesma forma que aos 20 perdeu 30 anos de vida”.

**Muhammad Ali**

## RESUMO

O esporte cria um ambiente possível para auxiliar na formação do indivíduo, tanto para o desenvolvimento deste na prática esportiva, quanto para a sua vida em comunidade. Percebe-se que, nos últimos anos houve um decréscimo na prática de atividades físicas por crianças e adolescentes quando comparado com gerações anteriores. Estamos inseridos numa cultura onde o futebol/futsal é muito vivo, e, assim, existem diversas práticas extracurriculares voltadas para estes esportes. O tema que guia este trabalho é o choque de gerações na docência e as diferentes metodologias na prática pedagógica do futsal em contexto da escolinha. A metodologia aplicada é a do relato de experiência, que visa analisar fatos ocorridos que possam fornecer elementos para responder ao objetivo deste trabalho. Dentre os resultados há a discussão a respeito dos motivos de haver favorecimento de práticas técnico-táticas dentro da escola de futsal, dado o contexto da instituição em que o trabalho é desenvolvido. Destaca-se que, quando as metodologias analíticas e globais são empregadas de forma convergente, é possível atingir um resultado satisfatório.

Palavras-chave: Futsal; Metodologia; Escolinha; Experiência.

## **ABSTRACT**

Sports creates a possible environment to assist in the formation of the individual, both for their development in sports practice and for their life in the community. It is clear that in recent years there has been a decrease in the practice of physical activities by children and teenagers when compared to previous generations. Soccer and futsal takes a special place in our culture, and, therefore, there are several extracurricular practices focused on these sports. The theme that guides this essay is the clash of generations in teaching and the different methodologies in the pedagogical practice of futsal in a school context. The methodology applied is that of an experience report, which aims to analyze events that may provide some data to answer the objective of this essay. Among the results there is a discussion regarding the reasons why technical-tactical practices are favored within the futsal school, given the context of the institution which the work is developed. It is noteworthy that, when analytical and global methodologies are used in a convergent manner, it is possible to achieve a satisfactory result.

Keywords: Futsal; Metodology; Extracurricular; Experience.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 CRIANÇAS E A ERA DIGITAL.....	12
2.2 ESPORTE EXTRACURRICULAR E COMPETIÇÕES.....	13
<b>3 OBJETIVO E METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>20</b>
4.1 EXPERIÊNCIAS E RELATOS.....	20
4.2 COMPOSIÇÃO DA AULAS.....	22
4.3 DIÁLOGOS COM O PROFESSOR SOBRE METODOLOGIA.....	26
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória na Educação Física teve início muito antes do ingresso na universidade, uma vez que sempre tive grande apreço pela prática desportiva. Durante a infância e a adolescência, o futebol era a minha principal forma de lazer, tanto nas ruas e praças, quanto nas escolas que frequentei. Desta forma, o esporte contribuiu sobremaneira para a minha socialização e, com o passar do tempo, também favoreceu a construção de uma rede de contatos profissionais.

Apesar do apreço pela área da Educação Física, a escolha universitária não se deu de forma tão intuitiva. Experimentei alguns conflitos na escolha, na medida em que também vislumbrei os cursos de Engenharia e Ciências Econômicas, em função, principalmente, da “promessa” de remuneração mais elevada e garantida. Porém, em um segundo momento de reflexão, percebi minha pouca atração pelas funções desenvolvidas e pelos ambientes de trabalho de ambos os seguimentos. Resgatei, assim, meu interesse pelo esporte. E, o que tinha lugar de importância e destaque em minha vida pessoal, reverberou em possibilidade de experiência profissional. Dado este acontecimento, prestei o vestibular da UFRGS para Educação Física em 2015 e, com a obtenção do ingresso, deu-se início uma nova etapa na minha vida: o ensino superior.

Ao entrar na Universidade, tive como objetivo principal aproveitar ao máximo as oportunidades que o mercado de trabalho poderia me oferecer dentro da área. Sabe-se que a Educação Física oferece diferentes oportunidades, seja na área docente ou como instrutor de academia/*personal trainer*, seja nas diversas outras ocupações nas áreas de esporte, lazer e dança, sempre visando promover a saúde, a cultura do movimento e os aspectos sociais envolvidos.

Meu interesse maior, logo ao ingressar no curso, consistiu em trabalhar com preparação física em clubes de futebol. Porém, assim como diversos iniciantes da área que almejam trabalhar com alto rendimento no futebol, logo surgiram algumas decepções, como a baixa – e, às vezes inexistente – remuneração. Vim a saber, por exemplo, que alguns locais de trabalho ofereciam apenas o valor do transporte aos profissionais iniciantes. Outro fator que contribuiu para que esta deixasse de ser

uma escolha interessante consistiu na elevada carga horária, que incluía finais de semana dedicados às viagens do clube.

Seguindo a busca por experiências na EFI, para minha surpresa, no segundo semestre do curso, tive uma oportunidade profissional como auxiliar de professor em uma escolinha de futsal. Esta escolinha tem suas atividades desenvolvidas em uma escola privada da região metropolitana de Porto Alegre no período extraclasse. Basicamente a função consistia em ser auxiliar do professor – tendo o mesmo respaldo deste perante os alunos –, assim meu ofício girava em torno de organizar as atividades e o ambiente.

Após seis meses de experiência como auxiliar, troquei de escola e fui direcionado para uma na cidade de Porto Alegre, próximo do local onde moro, no bairro Petrópolis. Nesta escola ganhei a chance de ministrar aulas de futsal para turmas de educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental. De lá para cá passaram-se oito anos com prática docente voltada para o futsal extracurricular, passando por turmas de educação infantil até ensino médio. Adquiri uma experiência como professor que jamais havia pensado que iria me identificar tanto.

Desde então, planejo seguir na área, mas existem situações nas práticas esportivas extracurriculares que me geraram alguns questionamentos. Observei aspectos que me intrigaram ao longo dos anos com as vicissitudes das práticas escolares extracurriculares (PEEs), termo que utilizarei neste projeto por suas especificidades (Lettnin, 2005). Estes foram, portanto, minhas inspirações para a escrita deste trabalho.

O tema que guia este relato trata-se do choque de gerações na docência e das diferentes metodologias na prática pedagógica. Atuando como professor na área do futsal em período extracurricular há aproximadamente oito anos, me deparei com diversas situações em que claramente há um choque de metodologias apresentadas para a condução das aulas.

Em muitos casos há priorização do modelo mais analítico de treinamento, voltado para uma metodologia mais tecnicista, enquanto sempre tive a visão de que a prática sistematizada do esporte iria trazer uma maior compreensão sobre as dinâmicas do jogo e até sobre as tomadas de decisão. Numa partida de futebol, um fator muito importante acaba sendo a tomada de decisão, que, aliada com habilidades específicas do esporte, podem ser uma ótima combinação em busca de resultados positivos. Porém, a tomada de decisão dentro do jogo pode ser utilizada

também para auxiliar numa melhor compreensão do que é o esporte que está sendo praticado seja no meio escolar, de lazer ou de alto rendimento.

Além dos exercícios sistematizados visando aprimorar habilidades e compreender o esporte, o jogo, seja ele adaptado ou em sua prática oficial, pode aprimorar uma série de valências necessárias para vivências mais harmônicas em sociedade. Saindo um pouco do lado romantizado das dinâmicas esportivas, dizendo que eles reproduzem apenas coisas boas e forjam o bom caráter do atleta e pessoa, há situações conflitivas que o esporte ocasiona, as quais, se não inibidas ou trabalhadas do jeito ideal, podem gerar frustrações e, quem sabe, problemas na formação pessoal.

Alguns dos professores com quem trabalhei nas escolas em que passei, possuíam um estilo de docência mais conservador voltado para o meio mais tecnicista. Não é um fator que desqualifica qualquer profissional, porém a falta de adaptação das suas metodologias, não acompanhado as mudanças na sociedade, escolas e esporte podem causar certa ineficiência na transmissão de conhecimento e até na relação professor x aluno.

Enquanto professores sempre devemos estar atentos às mudanças nos âmbitos sociais e esportivos, que são meios que passam por alterações constantes. Concomitantemente estes dois temas dialogam muito, podendo se traçar inúmeros paralelos entre eles. Uma das ferramentas da prática esportiva é simular pequenos atos que podem ser espelhados na sociedade. A pedagogia no esporte entra muito forte neste contexto que estamos tratando, pois nos auxilia em como conciliar prática esportiva (independente da vertente) com diversas ferramentas pedagógicas para transmitir alguma forma de conhecimento ao aluno (González; Bracht, 2012).

Exclusivamente neste trabalho, irei tratar da vertente de formação esportiva para o lazer, visto que o ambiente em que transcorrem as aulas é em uma escola da rede privada de Porto Alegre, onde o público-alvo são crianças da classe média no contraturno escolar. Dado o contexto da escola e do público inserido nela, a escolinha, segundo Voser, Giusti e Azevedo Júnior (2016), deve ir para além do aspecto procedimental, devendo focar na construção de um sujeito crítico, consciente e ético, aspectos fundamentais para o convívio social.

## 2 MARCO TEÓRICO

A sociedade e o modo como ela se relaciona com o esporte estão em constante transformação. O esporte cria um ambiente possível para auxiliar na formação do indivíduo, tanto para o desenvolvimento deste na prática esportiva, quanto para a sua vida em comunidade. Por fazer parte essencial na formação do ser, o esporte geralmente acompanha as demandas e os problemas que a sociedade expõe como se fosse um espelho (Gallati *et al.*, 2014; Anchieta, 2010). Os professores, muitas vezes, são referências às crianças, seja ensinando o esporte ou até influenciando no seu dia a dia (Tavares *et al.*, 2020). Não temos o poder de moldar o comportamento dos nossos alunos, temos um papel mais humilde na formação destas crianças. Cabe aos profissionais da educação oportunizar vivências diversificadas para auxiliar seus alunos a se tornarem sujeitos éticos, críticos e ativos fisicamente (Anchieta, 2010).

### 2.1 CRIANÇAS E A ERA DIGITAL

Vivemos em uma era de tecnologia, de rápido acesso à informação e, também, há o predomínio de uma vontade imediatista de conseguir aquilo que se deseja. Porém, diversas vezes, neste contexto, observa-se uma baixa tolerância à frustração. Na minha experiência, como um professor que viveu essa transição, de crescer no início da era tecnológica com o acesso à internet e, atualmente, viver no ápice da era da informação, consigo notar grandes diferenças em alguns comportamentos infantis, em especial de crianças de escolas privadas, nicho no qual estou inserido.

Tocando em um ponto citado anteriormente, sobre as frustrações destes jovens indivíduos, uma das ferramentas mais eficientes que temos a nosso alcance para ensinar pessoas de todas as idades a manipularem suas frustrações de forma adequada é o esporte. Logo na infância, quando as crianças estão aprendendo a lidar com aquilo que não conseguem alcançar, a educação física, aliada à pedagogia do esporte, pode utilizar de metodologias aplicadas aos jogos e esportes como atalho para auxiliar no desenvolvimento da tolerância à frustração e no convívio social (Voser; Giusti, 2015).

Voltando à questão do rápido acesso à informação e a utilização dos meios digitais, percebe-se que houve um decréscimo da prática esportiva e do brincar por crianças e adolescentes, quando comparado com gerações anteriores (Assis, 2022). Segundo Kramer (2006), é um fenômeno natural e geracional a mutação do que seria o brincar, e, nesta era contemporânea, o acesso a *tablets*, *smartphones* e computadores assumiram uma característica de “brincadeira”. Um dos motivos refere-se à percepção das crianças de que o que é oferecido no mundo digital é mais interessante do que um momento de lazer com outras crianças por meio de brincadeiras e práticas esportivas. Porém, esse amplo acesso ao digital pode vir a prejudicar a construção do vínculo social com outras crianças, além de também poder prejudicar o desenvolvimento de outras competências individuais (Gómez-Gonzalvo; Molina; Devís-Devís, 2020). Outro fator que influencia nesta situação refere-se ao baixo estímulo por parte dos pais, os quais muitas vezes acabam não fomentando o gosto pelo desporto e até para brincadeiras em outros ambientes como praças e clubes (Assis; 2022). Assim, além de interferir na formação do indivíduo para a sociedade, podemos notar certos atrasos motores em crianças que são privadas de experiências desafiadoras na sua infância (Maziero; Ribeiro; Reis, 2016).

## 2.2 ESPORTE EXTRACURRICULAR E COMPETIÇÕES

Por ser algo assegurado constitucionalmente pelo artigo 217, o esporte deve ser ofertado como medida de lazer para toda a população. Devido a não clareza na escrita da lei, fica a critério de diversas instituições como, quando, onde e a quem ofertar as atividades desportivas (Canan; Starepravo, 2021). As atividades extracurriculares oferecidas nas escolas no seu contraturno constituem-se como uma alternativa possível para a situação descrita. Algumas vezes a matrícula do aluno no esporte do contraturno acaba sendo, também, uma medida para adquirir competências, melhora nas notas e maior sociabilidade. De acordo com o perfil de pais mais ativos esportivamente ao longo de suas vidas, há crianças que são matriculadas com o fim de tomarem gosto pelo esporte (Lopes, 2018).

Por outro lado, um fator que se nota ocasionalmente é que as crianças matriculadas não são consultadas pelos pais para saber se a atividade em questão lhe gera interesse, o que num futuro próximo, caso ela não goste do esporte em que

foi matriculada, pode acabar gerando uma aversão a atividades esportivas em geral. Tais fatores fazem parte do dia a dia do docente, cabendo, assim, ao professor utilizar as estratégias adequadas de acordo com a especificidade de grupo ou até mesmo aluno. O uso de uma abordagem pedagógica correta visa não só a melhor transmissão de conhecimento, como torna a experiência esportiva e de aula mais agradável para aquela criança que nunca teve contato com determinadas práticas desportivas.

Dado este contexto geral, parte-se agora para a especificidade do futsal. Muitos pais optam por matricular seus filhos nesta modalidade esportiva por ser algo bem conhecido e fomentado culturalmente no nosso país, sendo o futsal bem popular para a iniciação ao futebol de campo (Balzano; Munsberg, 2023). A maior parte das crianças que ingressam em uma escolinha de futsal já teve contato com alguma prática relacionada ao futsal/futebol no seu momento de lazer, porém há aquelas que nunca tiveram contato com nenhum esporte.

Estamos inseridos numa cultura onde o futebol/futsal é muito vivo, e, assim, existem diversas escolinhas voltadas para estas práticas esportivas (Balzano; Munsberg, 2023). E, no contexto cultural deste esporte, é costumeira a existência de diversos campeonatos e torneios, os quais visam à introdução dos alunos de tais escolinhas às vivências de competição. Segundo a análise de Leonardo e Scaglia (2018), fica a dúvida e o questionamento se os professores, e até mesmo se as instituições de ensino, sabem que há níveis diferentes de competição a serem explorados, e não apenas um único. Os autores enfatizam a importância de haver uma transição entre a introdução ao esporte, onde se inicia com a vivência, até alcançar um nível competitivo mais avançado, sendo este voltado a um rendimento onde há maiores exigências feitas aos atletas e onde espera-se maior comprometimento destes (Leonardo; Scaglia, 2018). Tal transição proposta é estruturada em 4 níveis distintos de competição, sendo esta uma metodologia mais coerente e eficaz para o desenvolvimento dos atletas. Porém, percebe-se que é comum haver uma rota para a especialização precoce, visto que, tanto as instituições e os professores, quanto os pais, fomentam a participação das crianças em competições, uma vez que estas disputas são consideradas facilitadores educacionais (Santana, 2006).

Tratando especificamente de competições, algumas vezes presenciamos uma falta de preparo pedagógico por parte dos professores, entidades organizadoras e

pais nas tratativas com as crianças durante estes eventos (Santana, 2006). Focando na tarefa do professor/treinador, observa-se que este despreparo acaba por prejudicar na formação de crianças para prática do futsal. Ao construir uma equipe, seja para competições de cunho mais pedagógico e lúdico, seja para as fases mais avançadas do processo competitivo, observa-se a necessidade de que os professores tenham em mente a importância dos alunos passarem por um processo de aprendizado que seja voltado para a compreensão das regras, das técnicas e, também, das táticas do esporte (Greco, 2012).

A partir destas situações cabe ao professor/treinador utilizar de técnicas pedagógicas para desenvolver o aluno nos eixos cognitivo, social, motor e afetivo, respeitando a individualidade de cada um (Silva; Greco, 2009). Tratando destas competências na formação esportiva, acredito que técnicas analíticas não sejam as mais apropriadas para aprimorar o desenvolvimento destas competências, pois o método analítico mantém o foco direcionado para habilidades técnicas específicas do jogo (Silva, 1995). Não estou aqui condenando o método analítico de treinamento, há comprovações científicas de sua eficiência aliada a outras metodologias de ensino (Silva; Greco, 2009). Porém, para a proposta que acredito e defendo como ideal, esta escola mais tecnicista acaba tornando um pouco defasado o desenvolvimento cognitivo do atleta/aluno quando se trata da compreensão do jogo.

A alta imprevisibilidade e as diversas situações de jogo a que os jogadores são expostos em algum momento da partida são melhor trabalhadas em modelos de aula onde se aplicam metodologias como jogos condicionados e cooperativos (Silva; Greco, 2009). Além de reforçar os laços sociais da equipe/turma, são explorados diversos cenários com diferentes resoluções para as mesmas situações ou até situações variadas (Filgueira; Greco, 2008).

Levando em conta minha experiência como professor na área das PEEs, notei que alguns professores no ramo têm uma dificuldade maior em planejar e executar aulas que fomentam as práticas de ensino mais globais. Nos locais que trabalhei, notei um certo padrão de professores que acabaram não se adaptando às novas demandas do esporte e sociedade. Estes seguem na aplicação de métodos de ensino mais antiquados, voltados para o meio tecnicista, como a utilização de estafetas e exercícios isolados, deixando de lado especificidades de cada aluno.



Percebe-se, assim, importantes diferenças no modo de pensar e aplicar metodologias de ensino e treinamento nas PEEs.

### 3 OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho será analisar as diferenças metodológicas no ensino de futsal nas práticas esportivas extracurriculares entre professores.

A metodologia que será aplicada neste trabalho será a do relato de experiência, que visa analisar fatos ocorridos que possam fornecer elementos para responder ao objetivo deste trabalho. O relato de experiência, segundo Córdula e Nascimento (2018), engloba vivências diárias que devem ser estruturadas e sistematizadas para que a comunidade científica e a sociedade possam ter conhecimento a respeito da práxis, além de lançar luz para a importância de determinados aspectos. No caso deste trabalho, tais aspectos referem-se às diferenças metodológicas no ensino de futsal numa escola da rede privada de Porto Alegre. Neste método de pesquisa, o professor torna-se o objeto do estudo, pesquisador e também resultado de tudo aquilo que está sendo analisado e vivenciado, dotado de autocrítica para ser capaz tanto de reconhecer falhas quanto acertos, tornando assim, uma construção complexa de acordo com o conceito de multirreferencialidade (Borba, 2001).

A metodologia deste trabalho também está fundamentada nas ideias do filósofo alemão Walter Benjamin a respeito das noções de experiência, vivência e memória. O autor relata que experiência não é aquilo que acontece, mas sim aquilo que nos toca e, a partir disto, há a construção do relato acerca daquilo que nos aconteceu (Larrosa Bondía, 2002). Assim, o mesmo fato, vivenciado por duas pessoas diferentes, jamais irá gerar o mesmo tipo de experiência. O que acontece a alguém é único e irrepetível, uma vez que leva em conta experiências e memórias anteriores, as quais atribuem sentido para o novo acontecimento em questão. Por isso que se diz que a experiência é um saber subjetivo e pessoal, e que cada um produz, a partir de suas experiências, uma narrativa singular.

Anteriormente ao contexto do Holocausto, Benjamin já vinha, em sua obra, tensionando a noção de narrativa. O filósofo observou que, após o término da Primeira Guerra Mundial, os sobreviventes voltaram silenciosos do campo de batalha, mais pobres em experiência comunicável e, então, pergunta-se sobre o que ocorreu com as palavras que eram transmitidas de geração em geração (Benjamin, 1933). Esta foi uma reação contrária ao que Benjamin esperava, visto que era um fenômeno inédito no mundo e todos queriam ter acesso ao que se passou nas linhas

de frente da guerra. Porém, ao invés dos combatentes produzirem vastos relatos do que lhes ocorreu, o que houve foi o predomínio do silêncio e do trauma.

Em resposta à sua reflexão, Benjamin (1939) aponta para a crise da narrativa ocasionada pelo declínio da experiência. Assim, o autor problematiza as diferenças do que denomina como vivência (*Erlebnis*) e como experiência (*Erfahrung*). A primeira está relacionada com a ideia de choque que impede a formação de traços de memória. Diante do excesso, do traumático, a consciência deve se esquivar, gerando anestesia, e não elaboração. Desta forma, a vivência se dá na imediaticidade, que logo se perde para dar lugar a uma nova vivência. Já o campo da experiência engloba o que é único, irrepetível, aquilo que se conecta com a história do sujeito e assim atribui sentido às percepções atuais, criando traços de memória que podem ser compartilhados no laço social.

Conforme Larrosa Bondía (2002, p. 27):

[...] o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade.

Percebe-se, assim, o valor que possui um trabalho que utilize como método o relato de experiência, podendo apresentar, para a comunidade interessada no assunto, as dinâmicas e as dificuldades encontradas no dia-a-dia do meu trabalho como professor.

O espaço de tempo em que este relato diz respeito consiste no período de 2018 a 2022, momento em que julguei ter maior domínio teórico e prático sobre docência, pedagogia do esporte e desporto futsal, além de um maior vínculo com a instituição e os alunos. Minha vivência como professor nesse período já estava bem desenvolvida com outras experiências tanto nas PEEs, quanto como professor em clube esportivo de futsal. Lembrando que, neste período delimitando, houve a pandemia de COVID-19, que manteve a escola fechada entre março de 2020 até setembro de 2021. Durante este intervalo de tempo, todas as atividades referentes ao currículo da escola transcorreram de forma remota, sendo que as PEEs não fizeram parte deste modelo docente remoto.

Os horários e dias das aulas sempre se mantiveram os mesmos: segundas, quartas e sextas-feiras das 18h até às 19h10min. Às vezes, permitindo um tempo

extra de 10 a 15 minutos para desenvolver melhor a dinâmica do jogo, que procuro sempre executar ao final da aula após desenvolver a parte lúdica e técnica. O objetivo de também “esticar” o horário de aula é de dar o tempo de jogo igual para todas as equipes.

Segundas e quartas-feiras a faixa etária que pratica o futsal é a da educação infantil (alunos do nível 4) e primeiro ano do ensino fundamental. Já nas sextas-feiras a aula ocorre com crianças de segundo e terceiro ano do ensino fundamental. Pode haver mudanças de grupo quando algum aluno apresenta nível motor mais elevado, visando manter o estímulo e desafio da prática esportiva. Assim, neste caso esta criança é transferida para o grupo dos mais velhos, ou “subimos o aluno”. O termo “subir o aluno” é uma terminologia coloquial que o nosso grupo de professores utiliza para se comunicar de forma mais dinâmica, fazendo referência à criança jogar no grupo de alunos de idade mais avançada. Toda e qualquer decisão referente à mudança de grupo de qualquer aluno, passa por um comum acordo entre professores e pais, onde procuramos explicar os motivos que encontramos para mudar a criança de turma, deixando evidentes os benefícios encontrados nesta alteração.

A escola dispõe de dois ambientes para a realização das aulas de futsal: um ginásio poliesportivo da instituição e uma quadra externa poliesportiva, ambas com estruturas impecáveis, cobertas e sem grandes interferências climáticas. Os professores têm à disposição para a realização dos treinos aproximadamente 50 bolas de futsal, que passam por medidas de iniciação a tamanhos adequados para cada faixa etária, sub-9, sub-13 e sub-15. Cones, coletes, arcos, pratos demarcatórios e bolas de outros materiais para auxiliar no desenvolvimento de atividades também fazem parte do nosso dia a dia, ou seja, dispomos de uma infinidade de objetos para proporcionar a melhor experiência possível em nossas aulas.

## 4 RESULTADOS

Baseado nestes breves relatos da minha experiência, o objetivo deste trabalho é analisar as diferenças de concepções metodológicas entre professores no meio das PEEs. Como consta na literatura científica, existem professores, com grande formação esportiva e experiência em alto rendimento, que, porém, possuem pouca estrutura pedagógica para extrair e contribuir para o melhor proveito do aluno dentro do esporte do futsal (Voser; Giusti; Azevedo Júnior, 2016). Busco fazer uma análise da minha experiência, resgatando e relatando questões de aplicabilidade de metodologias, tanto analíticas quanto sistematizadas, onde notei eficiências e falhas de ambos os métodos.

Procuro também entender o porquê de haver favorecimento de práticas técnico-táticas dentro da escola de futsal, dado o contexto da instituição em que desenvolvemos o trabalho. Não possuímos uma vertente de formação de crianças que objetiva a formação de atletas de alto rendimento, o objetivo principal da escolinha, na minha concepção, é a iniciação esportiva e o complemento de vivências motoras.

### 4.1 EXPERIÊNCIAS E RELATOS

Lembro de um momento específico onde notei a existência de professor/treinador na seleção de jogadores participantes de jogos amistosos. Os jogos em questão reuniam crianças das categorias de sub-7 ao sub-11. Recordo-me de ser uma das minhas primeiras experiências auxiliando a comandar uma equipe de crianças da escolinha em um evento contra outras escolas. Sob os olhos de todos, e também com outros fatores sendo diferenciais para aquele momento, como o que chamamos de “fator casa”, naquela situação jogávamos em um local externo, que não era as dependências da escola, além de ser contra outras crianças fora da turma habitual em que nos encontrávamos toda semana.

Para algumas crianças da categoria sub-7, este é o primeiro contato com adversidades, uma saída da zona de conforto que seria a turma em que ele está inserido. Naturalmente há comportamentos diferentes, alguns mais tímidos por estarem sendo observados por outros pais e estarem jogando contra outras crianças, enquanto alguns, como forma de defesa ou por medo, se retraem

completamente e acabam não participando dos jogos. E, no melhor dos casos, há aqueles que não sentem os efeitos dos fatores citados anteriormente.

Apesar de ser uma proposta completamente lúdica, educativa e com o objetivo de gerar uma experiência, estes amistosos entre escolas diferentes ainda é um jogo com o mínimo grau de competição. Quando se tem um número elevado de crianças sentindo os fatores locais, a equipe acaba tendo um rendimento abaixo do esperado e até do que se é demonstrado em aula, e, às vezes, a equipe adversária pode ter um resultado mais favorável, seja com vitória ou com um grande volume de gols. Olhando pelo ponto de uma derrota ou de ceder muitos gols, isso gera um feedback negativo que precisa ser trabalhado de forma a que possa ser convertido para o lado positivo do aprendizado. Porém, dentro das especificidades do jogo, ao perceber que estamos sendo submetidos ao resultado muito negativo, enquanto professores/treinadores devemos tomar providências para minimizar estes danos.

Analisando todo o contexto envolvido, percebi que esta escolha pelos melhores jogadores era uma medida que visava evitar uma grande desmotivação aos alunos. Olhando por esta lente, interpretei como sendo uma intervenção mais pedagógica do que uma ideologia visando o resultado vencedor. Jogadores mais habilidosos participem mais ativamente do rodízio, aos olhos do professor, parecia ser uma atitude paliativa. Por outro lado, esta escolha gera um grande atrito com os pais dos alunos que acabam tendo menos tempo de quadra que os demais chamados de “melhores”. Este descontentamento acontece porque todos querem ver seus filhos participarem desta experiência que é jogar futsal, e além disso, eles são os principais contribuintes da escolinha.

Em categorias de idades mais avançadas, como o sub-13 e sub-15, onde a competitividade é muito mais intensa, tanto entre os alunos, quanto entre os professores, foi mais fácil notar equipes montadas com jogadores de melhor qualidade técnica, enquanto outros ficavam no banco recebendo menos tempo de quadra por serem menos qualificados. Este comportamento vai em oposição ao que seria indicado fazer para estimular o desenvolvimento do aluno no esporte, ou seja, quanto maior a vivência, maior o aprendizado (Tavares *et al.*, 2020). De acordo com Silva (1995, p. 8):

O jogo deve estar presente em todas as fases de ensino/aprendizagem, pelo fato de ser, simultaneamente, o maior fator de motivação e o melhor indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando.

Observei essa situação em algumas escolas adversárias que foram enfrentadas e em algumas competições. Porém, em alguns casos, os alunos já compreendem o objetivo principal do jogo, que é vencer, e reconhecem que, em certos momentos, o colega de equipe é mais qualificado que ele para executar determinada função dentro do jogo. Também há alunos que, mesmo nestas idades, ainda se sentem intimidados com a pressão destes tipos de jogos e, por própria opção, acabam ficando no banco, mesmo com a insistência do professor/treinador.

Com o aumento da competitividade dos jogos, como citado anteriormente, os professores algumas vezes se deixam levar pela intensidade do momento e acabam tomando decisões mais ríspidas visando à vitória. Por exemplo, quando algum aluno está com seu rendimento abaixo daquilo que é esperado dele, baseado em todas as habilidades demonstradas por ele nos treinamentos, muitas vezes para motivar este atleta, treinadores acabam realizando cobranças contundentes e, até mesmo, cobranças mais duras. Sabemos que cada pessoa reage de uma maneira com determinada abordagem para se sentir motivada através de uma cobrança. Este tipo de motivação que vem do treinador chama-se motivação extrínseca, que tem como objetivo despertar e/ou potencializar a motivação intrínseca do atleta.

#### 4.2 COMPOSIÇÃO DA AULAS

Ao observar alguns treinos e aulas, notei algo que me chamou bastante atenção: mesmo os alunos que tinham um desenvolvimento técnico próximo ao ideal, apresentavam dificuldades para tomar decisões próprias dentro do jogo ou, até mesmo, para fazer uma leitura sobre o que estava acontecendo em determinado momento isolado da atividade ou do jogo. Em certas ocasiões, estes alunos eram questionados pelo treinador sobre como proceder em dada situação ou jogada a ser executada, tendo bastante dificuldade em responder ou pensar em algo a respeito. A partir desta percepção, comecei a observar com outro olhar o que estava sendo ensinado e praticado nas aulas.

O professor titular e coordenador da escolinha de futebol onde trabalho tem perfil de ex-atleta de futsal e leciona futsal na estrutura da escolinha há mais de 30 anos, tendo passagens anteriores em categorias de base voltadas para o alto rendimento em um clube tradicional de Porto Alegre. Basicamente a estrutura de

suas aulas é bem analítica e tecnicista, voltada para estafetas com movimentos bem isolados, de chutes, passes e condução. Quando se trata de jogo, este professor costuma bolar um sistema tático onde as crianças atendem apenas as orientações dele.

O sistema tático que o professor usa é considerado simples no futsal: um 2x2 básico em “L”, que segundo Voser (2014, p. 116):

Consiste em dois jogadores na armação na quadra de defesa e dois jogadores na quadra de ataque. É um sistema ainda muito empregado durante a partida. Algumas equipes o utilizam em final de jogo, quando se encontram com o resultado favorável. É aplicado também quando o adversário faz marcação sob pressão, em que trocas dos passes fica dificultada e a ação do goleiro é a opção indicada.

Neste modelo de jogo ensinado por este professor, os atletas ficam incapazes de desenvolver sua criatividade e capacidade de resolver situações de jogo por conta própria. O que começou a me chamar muito a atenção também é que, quando indagados sobre alguma questão específica sobre tomada de decisão, os alunos não sabiam dar exemplos ou explicar o que fazer. Situação esta que imagino se dever ao vício em executar exclusivamente as orientações do sistema tático e do professor/treinador.

Falando exclusivamente do sistema 2x2 em L, segundo a literatura, é um sistema simples de se compreender e utilizar em iniciação esportiva como nas categorias de sub-7. Sua composição basicamente consiste na utilização dos 4 jogadores em quadra. Este sistema, teoricamente, permite uma saída rápida da pressão do adversário com a possibilidade de acessar o pivô via lançamento, ou através de um passe paralelo pela ala. Esta pouca movimentação permite simplicidade ao introduzir o esquema aos alunos (Voser, 2014).

Utilizar um sistema tático bem definido e alinhado é o objetivo de todo treinador, falando do ponto de vista do rendimento esportivo. No caso desta escolinha, muitas vitórias e títulos em competições vieram a partir deste modelo mais analítico implementado por este professor. Como citei anteriormente, quando se trata de competição e o objetivo final de vitória está sendo atingido, os meios que levam até este resultado são pouco questionados. Porém, quando falamos de formação e desenvolvimento de atletas no meio escolar, sejam elas nas aulas ou em competições escolares, devemos ter um olhar mais pedagógico e pensar no futuro



desta criança e atleta como desportista, qualquer que seja a vertente que será praticada.

Certa vez, em 2022, recebi a tarefa de coordenar as equipes sub-13 e sub-15 da escolinha, que previamente eram treinadas pelo professor coordenador. Fiquei muito empolgado com a tarefa e ali vi uma chance de colocar a metodologia que acho adequada e mais moderna em prática. Tive carta branca para implementar um sistema de jogo e ensino mais globalizado, visando a melhora na tomada de decisão e compreensão do jogo. Jogos condicionados, como os de utilização de apoios nas linhas laterais e linha de fundo, manutenção de posse de bola e troca intensa de passes com movimentação para procurar a melhor oportunidade de finalizar e conseguir o gol foram exercícios praticados ao longo das sessões de treino.

Para a minha surpresa, estas atividades condicionadas, que na minha visão, seriam simples de serem executadas, foram pouco compreendidas pelos alunos. Nos exercícios onde há o apoio de ataque nas linhas laterais e de fundo (onde se configura uma superioridade numérica para troca de passes), os alunos não conseguiam visualizar esta possibilidade, porque, na minha leitura, pareciam estar “viciados” num formato de jogo mais verticalizado.

O formato de jogo verticalizado consiste em realizar apenas ações de ataque com a goleira sendo o estímulo único, independente de ser uma chance clara de gol ou não, o objetivo é finalizar na goleira. Por causa deste hábito, os jogos condicionados, que foram citados anteriormente, não eram realizados da forma planejada de acordo com a atividade, e os alunos tinham como principal questionamento “quando vai ter jogo normal?”. O essencial do jogo estava sendo praticado desde o primeiro minuto, porém não conseguiam entender que as condições impostas deveriam ampliar as variações de ações dentro de quadra. O questionamento dos alunos, citado anteriormente, não era no sentido de algo que atrapalhava o andamento da aula, ou que os fazia realizar os exercícios de forma desleixada, do meu ponto de vista, apenas mostra a concepção simplista que eles possuem do que é “o jogo” de futsal.

Após os exercícios e liberado o “jogo normal”, os alunos deixavam de lado tudo o que havia sido praticado e voltavam à metodologia de jogo antiga, implementada pelo treinador antigo. Mesmo comprovando a baixa eficiência do sistema de jogo que era anteriormente utilizado, os alunos seguiam utilizando-o. A baixa eficiência se dava por alguns fatores, como a metodologia de ensino, talvez

equivocada, que não deixou os alunos com autonomia para entender o sistema e executarem suas decisões. A partir disso outros fatores foram desencadeados como, por exemplo: a equipe ficava com pouca posse de bola, os espaços em quadra eram mal ocupados, além de os jogadores se limitarem a executar apenas as funções específicas da sua posição, não passando pela versatilidade e imprevisibilidade que as situações de jogo exigem (Santana, 2005; Voser; Giusti; Azevedo Júnior, 2016).

Após muitas sessões de treinamento, houve um jogo onde os garotos do sub-13 e sub-15 foram jogar contra outra equipe em um campeonato de ligas escolares. Sob minha orientação, deixei claro desde sempre que eles já sabiam o que fazer, e que o jogo era baseado nos treinamentos que foram feitos em aula, sendo que toda e qualquer decisão seria tomada por eles dentro de quadra e que minhas orientações seriam pontuais. Durante a partida, notei certa leveza nos alunos ao estarem jogando com mais liberdade e tendo outro perfil de treinador lhes guiando. Em alguns intervalos, instigava eles a pensarem como resolver as situações e dificuldades do jogo de acordo com suas leituras de jogo, e, assim, meu auxílio era apenas com soluções parciais ou complementando a leitura correta que já haviam feito.

Durante o jogo, usamos como alternativa alguns padrões treinados na metodologia do professor coordenador. O sistema 2x2 em L treinado por ele, que possuía uma baixa eficácia quando executado dentro da proposta analítica muito repetitiva, foi muito útil ao longo dos jogos, pois utilizamos as adaptações executadas nas sessões de treino sob minha orientação. Estas adaptações foram executadas através do entendimento dos atletas das duas categorias sobre como poderiam proceder de acordo com determinada situação, pensamento e execução autônoma da equipe.

[...] compreender a importância de jogar coletivamente ou jogar em conjunto, já que assim as chances de sucesso aumentam. Portanto, quem tem a bola deve reconhecer os espaços que se apresentam no jogo para avançar, aproximar-se do alvo. Quem não tem a bola precisa oferecer-se, orientar-se, ou seja, como se diz geralmente no handebol e no basquetebol, sair da marcação, facilitando a ação de passe do colega, criando opções para este passar. Pode-se, também assim, ao se passar criar superioridade numérica, já que após o passe é importante se deslocar para ser novamente opção de recepção, se facilita a obtenção do gol, não deixando o adversário proceder a defesa na ação; mas, caso seja necessário para superar a ação do adversário, quem está com a bola pode fingir, criar chance de gol (Greco, 2012, p. 11).

Como qualquer entusiasta do esporte, aliado a minha formação pedagógica, meu objetivo era vencer o jogo, mas sem passar por cima dos princípios de que os alunos aprendessem algo novo com a experiência que estava sendo proporcionada: a de um professor/treinador lhes dando liberdade para praticar o esporte e competir. Felizmente, ao final do dia de jogos, nossos resultados foram positivos em ambas categorias, sub-13 e sub-15, e cada um deles empatou um jogo e venceu um. O saldo final nesta experiência foram alunos mais autônomos dentro da partida, o que sempre foi o meu objetivo ao dar estas aulas/treinos numa metodologia global.

#### 4.3 DIÁLOGOS COM O PROFESSOR SOBRE METODOLOGIA

Ao longo dos anos, tive muitos diálogos com este professor coordenador sobre o ramo das PEEs, e, de certa forma, ele me fez compreender diversos aspectos do funcionamento deste nicho de extracurriculares. Apesar das nossas divergências quanto ao estilo de aula, este professor se tornou um mentor para minha carreira quando se trata da aula de futsal. Lembro de certa vez ter perguntado para ele a respeito da metodologia mais analítica que é aplicada em suas aulas e treinos, além de questionar o quanto de aprendizado os alunos poderiam absorver com o modo que se apresentava o sistema tático 2x2 que tanto é utilizado por ele. Meu objetivo ao questionar sua tática era sugerir alguma outra vertente de ensino dado o contexto mais moderno do esporte atualmente.

As respostas do professor foram diferentes para ambas perguntas, porém convergiram para o mesmo final: a manutenção do seu emprego e agradar aos pais dos alunos. Sobre a sua metodologia de treino/ensino, falou que utiliza a mais simples a ser aplicada e que ela se mostrava efetiva para avaliar a habilidade dos alunos. Ele mesmo admitiu que sua metodologia é um pouco ultrapassada, e reconhece que há métodos mais modernos a serem implementados. Porém ele se julgava um profissional “já cansado”, segundo suas palavras, e que acha algo complexo de ser implementado por ele, porque iria consistir numa mudança de estilo muito grande após décadas de ensino do esporte. Outro fator que ele dizia ser algo que pesava no uso da metodologia trata-se da compreensão leiga da maioria dos pais a respeito de pedagogia e treinamento. Lembrei de uma frase que foi dita uma vez por ele, que era basicamente algo como “não se dá aula para os alunos, mas sim para os pais que estão assistindo”.

Esta frase acima, apesar de marcante, depois de muito refletir, consegui entender o que estava sendo dito. O professor quis dizer que pelo fato dos pais estarem muitas vezes assistindo as aulas de forma próxima, eles tem que se sentir satisfeitos ou seduzidos por aquilo que estão vendo. Segundo ele, muitas vezes, os pais associam uma boa aula àquela que possui muitos materiais distribuídos na quadra e com grande intensidade nas atividades. Em algumas de suas “dicas” de como lecionar uma aula, ele dizia que esta era uma forma de cativar eles. Levando em conta que os pais são os principais contribuintes da escolinha e algumas vezes fazem exigências, é compreensivo que o professor coordenador pense assim a fim de agradar o público, a direção e, assim, garantir a manutenção do seu emprego neste ramo tão competitivo e lucrativo que é o das práticas escolares extracurriculares em escola privada.

A resposta a respeito do seu esquema tático, que eu apontei como defasado em relação à evolução da prática do futsal, foi mais simplória e objetiva. Ele afirma que utiliza este sistema pelo simples fato de que é efetivo e lhe faz vencer, e que, no final das contas, é o que importa: vencer. Complementou também dizendo que o que o manteve tanto tempo à frente da escolinha na mesma escola privada foi o fato de ser um professor vencedor e que os pais acham isso sinônimo de eficiência. Porém o professor assume que, por ter este perfil mais competitivo e de ser “vencedor”, ele acabou criando algumas inimizades no ramo das escolinhas na região de Porto Alegre, fruto desta política entre professores. Como meu coordenador tem algumas inimizades e que por causa dela ele deixa de ser convidado para alguns torneios interescolares por ser famoso por sua competitividade excessiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos relatos, vivências e referências expostos neste trabalho, posso afirmar que, em todo o período em que trabalhei como professor de futsal, pude notar algumas diferenças nas concepções de ensino de futsal. Acredito que o que mais se destacou a partir da análise da minha experiência foi a percepção de que, quando as metodologias analíticas e globais são empregadas de forma convergente, atinge-se um resultado satisfatório. O saldo final de haver me debruçado sobre o que experienciei na minha trajetória foi a percepção de que é possível realizar um grande trabalho no ensino do futsal mesmo que os professores apresentem ideologias divergentes sobre metodologia de ensino, tática e composição de elenco. Diálogo e planejamento seriam as chaves ideais para realizar uma periodização de treinamento em que houvesse uma mescla entre linhas tecnicistas e sistematizadas de ensino.

Mesmo com a minha pouca vivência implementando métodos sistematizados de ensino de futsal, ainda acredito que é a abordagem mais adequada para a estrutura das PEEs, onde dispomos de poucas sessões de treinos semanais e temos um foco de formação para o lazer. A participação dos pais ao longo do processo de formação é uma relação sempre muito complexa, mas que, de toda forma, faz refletir sobre o quão importante é esta proximidade, tendo em vista os novos desafios pedagógicos que o docente enfrenta no mundo contemporâneo.

Cabe ainda destacar que uma grande motivação pessoal ao ingressar no curso de Educação Física foi justamente a possibilidade de apresentar às pessoas o mundo do esporte, podendo fazê-las se interessarem pela prática esportiva. Assim, tenho tido a chance de fazer isso desde um trabalho de base, ao lidar com crianças. E, posso dizer que, notar a evolução delas e perceber que o trabalho empreendido vem dando certo, tem sido muito motivador na minha vida profissional. Espero ter maiores experiências enriquecedoras no meio do futsal escolar ao longo dos meus anos de carreira. No futuro pretendo ler este relato e ver o quanto de mudança que se teve, seja no meio esportivo ou docente.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Tharciso. Desporto e desenvolvimento social: o futsal como exemplo. **Fiep Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 80, p. 1-6, 2010.

ASSIS, Larissa Aparecida Almeida de. **Tecnologia, inovação e movimentação: relação entre o tempo de tela, conhecimento sobre brincadeiras e o nível de atividade física em crianças de 7 a 10 anos**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

BALZANO, Otávio Nogueira; MUNSBERG, João Alberto Steffen. A influência do futsal na formação para o futebol segundo profissionais do futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 15, n. 61, p. 71-87, 2023.

BENJAMIN, Walter. (1933). Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. (1939). Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasil, 1975. p. 37-76.

BORBA, Sérgio da Costa. **Multirreferencialidade na formação do “professor-pesquisador”**: da conformidade à complexidade. 2. ed. Alagoas: EDUFAL, 2001.

CANAN, Felipe; STAREPRAVO, Fernando Augusto. O esporte na constituição brasileira – genealogia e teleologia do Artigo 217. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27026, 2021.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do Nascimento. A produção do conhecimento na construção do saber sociocultural e científico. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-10, 2018.

FILGUEIRA, Fabrício Moreira; GRECO, Pablo Juan. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 53-65, 2008.

GALLATI, Larissa Rafaella *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 152-162, 2014.

SILVA, Júlio Manoel Garganta da. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. *In*: GRAÇA, Armando Barga dos Santos. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995. p. 11-25.

GÓMEZ-GONZALVO, Fernando; MOLINA, Pere; DEVÍS-DEVÍS, José. Which are the patterns of video game use in Spanish school adolescents? Gender as a key factor. **Entertainment Computing**, [Holanda], v. 34, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.entcom.2020.100366>. Acesso em: 06 jan. 2024.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, 2012.

GRECO, Pablo Juan. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: Iniciação esportiva universal, aprendizado incidental-ensino intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 20, p. 145-174, 2012.

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. A avaliação de competições esportivas de jovens: definição de categorias e aplicações ao handebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 875-888, 2018.

LETTNIN, Carla da Conceição. **Esporte escolar: razão e significados**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

LOPES, Cátia Rafaela Rodrigues. **Relação entre a prática de atividades físicas desportivas extracurriculares e o aproveitamento das aulas de Educação Física**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário) – Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 2018.

MAZIERO, Lais Lourenço; RIBEIRO, Douglas Francisco; REIS, Helena Macedo. Desenvolvimento infantil e tecnologia. **Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 13, n. 1, p. 79-91, 2016.

SILVA, Marceo Vilhena; GRECO, Pablo Juan. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 297-307, 2009.

VOSE, Rogério da Cunha. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. 4. ed. Canoas: Editora ULBRA, 2014.

VOSE, Rogério da Cunha. O futsal e suas múltiplas possibilidades como ferramenta de aprendizagem. **Revista Pátio**, Porto Alegre, v. 75, p. 22-25, 2015.

VOSE, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto M; AZEVEDO JÚNIOR, Mario Renato de. **Ensino através dos jogos de inteligência e capacidade tática**. Canoas: Editora ULBRA, 2016.

SANTANA, W. C.; Pinto, F. Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 10, n. 85, 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>. Acesso em: 07 fev. 2024.

TAVARES, Mayara de Almeida *et al.* Relação treinador-atleta e a experiência positiva de jovens no esporte extracurricular. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 21, n. 1, p. 146-161, 2021.